



EDITORIAL

Marco Antonio Mitidiero Junior
Universidade Federal da Paraíba

Tempo de violência. São tempos e espaços de violência!

Nesse tempo, o que se anuncia, cada vez mais claramente, é que o processo de acumulação e as estratégias de reprodução ampliada do capital têm na violência seu substrato primeiro. A violência, que nunca deixou de ser um meio válido de reprodução de capital até mesmo nas democracias mais avançadas, é hoje o motor principal que impulsiona as engrenagens do capitalismo no espaço brasileiro. É, por assim dizer, a violência que deixou de ser uma estratégia para ser a estratégia de realização e garantia do lucro/poder (não é por menos que o texto que abre e o texto que fecha esse dossiê retratam, denunciam e refletem sobre a violência no campo). Nessa conjuntura, o Brasil parece ser o espaço desse tempo, transformado em laboratório após o golpe político-parlamentar/jurídico/midiático que destruiu a democracia brasileira em 2016.

Basicamente, são dois tipos de violência: violência política, legislativa e institucional, que atinge, de um dia para o outro, milhões de pessoas; e violência física contra pessoas e comunidades. Na primeira, os ataques e a consequente destruição de direitos (malandramente chamadas de “reformas”) atingem diretamente a quase totalidade de trabalhadoras e trabalhadores brasileiros. De um lado, o Parlamento/Legislativo criando segurança jurídica para o capital e, em consequência, atropelando as conquistas da classe trabalhadora (a nova legislação trabalhista e a PEC, que limita os gastos para educação, saúde e seguridade social, são as expressões máximas); e de outro, as ações do Executivo, emanadas de um grupo de políticos acusados de corrupção que assumiram a cadeira presidencial e as pastas ministeriais, agindo, sobretudo, por meio da implosão de políticas públicas e da venda do patrimônio público – sem contar as inúmeras Medidas Provisórias propostas pelo ilegítimo presidente da República, que estabelece uma dobradinha com as duas casas do Congresso Federal. O golpe e o pós-golpe resultou de um casamento entre presidência e parlamento. No segundo tipo de violência, a violência física tem, ora na criminalização e judicialização das lutas sociais, ora no extermínio de lutadores e lutadoras, a sua face mais pontual e não menos trágica desse tempo. Das ameaças aos movimentos sociais aos assassinatos no campo (inclusive, numa escalada assustadora de massacres), o que está em jogo é limpar o terreno para o domínio do grande capital internacional aliado às elites nacionais, não deixando mais brechas às conquistas do povo e para o povo.

De forma geral, os artigos que compõem o Dossiê Michel Temer e a Questão Agrária versam sobre esse tempo (e espaço) de violência contemporânea. As dimensões agrárias do golpe não ganharam muito destaque nas análises políticas e acadêmicas, porém não há como esconder que o setor parlamentar e econômico do agronegócio foi fundamental na arquitetura do desmonte do Estado brasileiro, como estamos assistindo ao vivo e a cores. E, por quê? Por que o setor agrário é fundamental no pacote de retrocessos que estamos vivendo? Quais são os interesses dos ruralistas? Quais são suas estratégias?

Os 23 artigos publicados nesse dossiê propiciam uma visão crítica dos diferentes significados e das distintas estratégias dos ruralistas diante dessa conjuntura.

João Pessoa, 07 de agosto de 2018.